

Japão hostiliza devedores

Oswaldo Peralva

TÓQUIO — A redução da dívida dos países da América Latina — defendida pelos Estados Unidos e rejeitada pelo Japão — deverá ser tema polêmico na 22ª reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que começa amanhã na cidade japonesa de Nagoya, a duas horas e meia de Tóquio por trem-bala. Os meios financeiros japoneses mostram-se hostis aos países devedores até na imprensa. O jornal *Nihon Keizai Shimbun* — mais de 4 milhões de exemplares nas edições matutina e vespertina — afirma que a ministra brasileira da Economia, Zélia Cardoso de Mello, vai boicotar a reunião de Nagoya, criticando o mundo financeiro internacional em seu pronunciamento de domingo, a fim de chamar a atenção da opinião pública mundial para o problema do endividamento do Terceiro Mundo.

Na sua edição de ontem, o jornal informou que o presidente George Bush, partindo do precedente das reduções da dívida da Polônia e do Egito, pretendia que se reduzisse também a dívida dos países da América Latina. O Japão não concordou, alegando que a Hungria, por exemplo, embora tendo uma dívida relativamente grande (US\$ 20,6 bilhões), estava fazendo um esforço para recuperar-se.

A posição japonesa parece fundamentar-se na atitude do banco J.P.Morgan, que conseguiu elevar a 100% o seguro contra as dívidas externas. As precauções do Japão estão seguindo por esse caminho. O Banco de Tóquio, maior credor do Brasil entre os bancos japoneses, está ampliando de 25% para 30% o fundo de reservas para fazer face a prejuízos decorrentes de dívidas externas não resgatadas.

Empréstimo regional — O Banco Tokay, de expressão regional, reuniu 21 pequenos bancos, somando 10 bilhões de ienes — cerca de US\$ 74 milhões

— para emprestar ao Banco Interamericano de Desenvolvimento. Essa é uma iniciativa local, mais destinada a promover a região de Nagoya do que a resolver os problemas, muito mais sérios, da dívida externa dos países latino-americanos. Esse dinheiro será emprestado a juros de 7,7% ao ano. Iniciativas desse tipo cabiam ao Banco de Tóquio.

Segundo o Banco Mundial, os débitos dos países em desenvolvimento somam US\$ 1,2 trilhão, no fim de 1989, com 25 países da América Latina respondendo por US\$ 420 bilhões. A dívida externa dos EUA é de aproximadamente US\$ 1 trilhão.

Para resolver os problemas da América Latina, o secretário do Tesouro dos EUA, Nicholas Brady, propôs em março de 1989 a redução do débito, através de uma combinação de novos empréstimos pelos países industriais e garantia de pagamento de juros pelas instituições financeiras internacionais.

Em junho do ano passado, o presidente George Bush apresentou a proposta de comércio, investimento e débito na América Latina. As duas propostas tinham uma coisa em comum — o cancelamento de dívidas. Esse precedente certamente será explorado na reunião que se instala amanhã em Nagoya.

O *Nihon Keizai Shimbun* lembra o seguinte quadro de devedores do Terceiro Mundo, em bilhões de dólares: na América Latina: Brasil, 121; México, 95,9; Argentina, 67,5; Venezuela, 31; Colômbia, 17,2; Peru, 17; Chile, 16,8; Equador, 11,7; Uruguai, 6,9. Na Ásia: Índia, 62,5; China, 44,8; Filipinas, 28,9. Na África: Egito, 48,8; Nigéria, 32,8; Marrocos, 20,9; Costa do Marfim, 15,4; Congo, 4,3; e Senegal, 4,1. No Leste europeu, a Polônia deve US\$ 43,3 bilhões (agora reduzidos à metade) e a Hungria, US\$ 20,6 bilhões.